

A woman with blonde hair styled in waves, wearing a light green sleeveless dress, a gold headband, and multiple strands of pearls and a gold necklace. She is holding a white feathered fan and looking out a window with patterned curtains.

# Barbara Taylor Bradford

O FUTURO DA NOBRE  
MANSÃO DE FAMÍLIA  
ESTÁ NAS MÃOS  
DE QUATRO MULHERES.

AUTORA BESTSELLER  
Mais de  
**90**  
MILHÕES  
de livros  
vendidos

# AS MULHERES DE CAVENDON

TOP  
SEL  
LER

*Para o Bob, sempre, com todo o meu amor*

## PERSONAGENS

### ACIMA DAS ESCADAS: A FAMÍLIA OS INGHAMS EM 1926

Charles Ingham, 57 anos, 6.º Conde de Mowbray. Dono e guardião de Cavendon Hall. Referido como Lorde Mowbray.

Felicity Ingham, 56 anos, sua ex-mulher, ex-Condessa de Mowbray. Herdeira por direito próprio de seu pai, um industrial. Agora casada com Lawrence Pierce, notável cirurgião.

#### OS FILHOS DO CONDE E DA EX-CONDESSA

Miles Ingham, 27 anos, herdeiro do título. Vive em Cavendon e aprende a administrar a propriedade. Casado com Clarissa Meldrew. Detém o título de Ilustre Miles Ingham.

Lady Diedre Ingham, 33 anos, filha mais velha, solteira, vive em Londres. Trabalha no Ministério da Guerra.

Lady Daphne Ingham, 30 anos, segunda filha, casada com Hugo Ingham Stanton. Vivem na Ala Sul de Cavendon com os cinco filhos.

Lady DeLacy Ingham, 25 anos, terceira filha, vive em Londres. Divorciou-se de Simon Powers e retomou o nome de solteira.

Lady Dulcie Ingham, 18 anos, quarta filha. Vive em Cavendon.

As quatro raparigas continuam a ser afetuosamente tratadas pelo pessoal como as quatro Dês.

Os filhos de Lady Daphne e do Sr. Hugo Stanton são: Alicia, 12 anos; Charles, 8 ½; os gémeos, Thomas e Andrew, 5 anos, e Annabel, 2 anos.

## OUTROS INGHAMS

Lady Lavinia Ingham Lawson, 53 anos, irmã do conde. Quando está no Yorkshire, vive na Skelldale House, na propriedade. Passa a maior parte do tempo em Londres. Viúva. Foi casada com John Edward Lawson, conhecido como Jack.

Lady Vanessa Ingham, 47 anos, irmã solteira do conde. Tem uma suíte privada em Cavendon que usa quando está no Yorkshire. Passa a maior parte do tempo em Londres.

Lady Gwendolyn Ingham Baildon, 86 anos, tia viúva do conde. Reside em Little Skell Manor, na propriedade. Foi casada com o falecido Paul Baildon.

O Ilustre Hugo Ingham Stanton, 45 anos, primo direito do conde. É sobrinho de Lady Gwendolyn, irmã da sua falecida mãe, Lady Evelyne Ingham Stanton. Casado com Lady Daphne.

## ENTRE AS ESCADAS: A SEGUNDA FAMÍLIA OS SWANNS

Há mais de 170 anos que a família Swann está ao serviço dos Inghams. Consequentemente, as suas vidas estão ligadas de muitas maneiras. Várias gerações de Swanns viveram e continuam a viver na aldeia de Little Skell, junto de Cavendon Park. Os Swanns atuais são tão dedicados e leais aos Inghams como o foram os seus antepassados, e defenderiam com a vida qualquer membro da família. Os Inghams confiam implicitamente neles e vice-versa.

### OS SWANNS EM 1926

Walter Swann, 48 anos, criado particular do conde. Chefe da família Swann.

Alice Swann, 45 anos, sua esposa. Costureira hábil, encarregada da roupa, faz os trajes e vestidos de Lady Daphne e das suas filhas, Alicia e Annabel.

Harry, 28 anos, filho. Ex-aprendiz de jardineiro em Cavendon Hall. Estuda gestão de propriedades e trabalha com Miles Ingham.

Cecily, 25 anos, filha. Vive e trabalha em Londres, onde é agora uma famosa estilista, com três lojas.

OUTROS SWANNS

Percy, 45 anos, irmão mais novo de Walter. Couteiro-mor em Cavendon.

Edna, 46 anos, esposa de Percy. Faz trabalhos ocasionais em Cavendon.

Joe, 25 anos, filho deles. Trabalha com o pai como couteiro.

Bill, 40 anos, primo direito de Walter. Jardineiro-chefe em Cavendon.

Viúvo.

Ted, 51 anos, primo direito de Walter. Chefe de manutenção e carpintaria de Cavendon. Viúvo.

Paul, 27 anos, filho de Ted. Trabalha com o pai como *designer* de interiores e carpinteiro em Cavendon.

Eric, 46 anos, primo direito de Walter, irmão de Ted. Mordomo na casa de Londres de Lorde Mowbray. Solteiro.

Laura, 39 anos, prima direita de Walter, irmã de Ted. Governanta na casa de Londres de Lorde Mowbray. Solteira.

Charlotte, 58 anos, tia de Walter e Percy. Aposentada dos serviços prestados em Cavendon. Charlotte é a matriarca da família Swann, e é tratada com muito respeito por todos, e com alguma deferência pelos Inghams. Foi secretária e assistente pessoal de David Ingham, o 5.º Conde, até à morte deste.

Dorothy Pinkerton, Swann de solteira, 43 anos, prima de Charlotte e dos Swanns. Vive em Londres e é casada com Howard Pinkerton, detetive da Scotland Yard. Trabalha com Cecily na Cecily Swann Couture.

PERSONAGENS  
ABAIXO DAS ESCADAS

Sr. Henry Hanson, mordomo

Sra. Agnes Thwaites, governanta

Menina Susie Jackson, cozinheira (sobrinha de Nell, que se aposentou)

Sr. Gordon Lane, criado principal

Sr. Ian Melrose, criado

Menina Jessie Phelps, criada principal

Menina Pam Willis, criada

Menina Connie Layton, criada

Sr. Tim Hartley, motorista

## OUTROS EMPREGADOS

Menina Maureen Carlton, ama dos filhos de Lady Daphne.

Menina Nancy Pettigrew, precetora, geralmente tratada por menina Pettigrew. A precetora não fica em Cavendon durante o verão, pois as crianças não têm aulas.

## TRABALHADORES EXTERNOS

Uma casa imponente como Cavendon Hall, com centenas de hectares e uma enorme área de caça, emprega muita gente da terra. É para isso que existe, bem como para garantir habitação privada a uma grande família. Oferece emprego aos habitantes da aldeia e também terra para os reideiros. As aldeias em volta de Cavendon foram construídas pelos vários condes de Mowbray para fornecer alojamento aos seus trabalhadores; posteriormente foram construídas igrejas e escolas, bem como estações de correios e pequenas lojas. As aldeias em redor de Cavendon são Little Skell, Mowbray e High Clough.

Há um grande número de trabalhadores externos: um coqueiro-mor e cinco outros coqueiros, e batedores e flaqueadores que trabalham quando começa a época da caça ao galo silvestre e os *Guns* chegam a Cavendon. Outros trabalhadores externos incluem lenhadores, que cuidam dos bosques vizinhos para a caça nas terras baixas em determinadas alturas do ano. O jardineiro-mor cuida dos jardins, chefiando uma equipa de outros cinco jardineiros.

A época de caça ao galo silvestre começa a 12 de agosto, no que passou a chamar-se *Glorious Twelfth*, e termina em dezembro. A caça à perdiz começa em setembro, bem como ao pato e ao pato selvagem. A caça ao faisão começa a 1 de novembro e termina em dezembro. Os homens que vêm caçar a Cavendon, geralmente aristocratas, são conhecidos como *Guns*, isto é, homens que usam armas.

PRIMEIRA PARTE



*Uma Reunião de Família*

Julho, 1926

*O pequeno mundo da infância com o seu ambiente familiar é um modelo do mundo maior. Quanto mais intensamente a família tiver marcado o seu caráter na criança, mais esta tenderá a sentir e a ver o seu pequeno mundo no mundo maior da vida adulta.*

Carl Jung, *The Theory of Psychoanalysis* (1913)

## UM



Cecily Swann conhecia bem aquele caminho. Percorrera-o toda a vida e havia muito que lhe era familiar. Erguendo a cabeça, observou a casa enorme que se erguia diante de si no cimo do monte. Cavendon Hall. Uma das grandes casas senhoriais de Inglaterra, a melhor em todo o Yorkshire.

A casa era o seu destino nessa manhã, como tantas vezes o fora quando era pequena. Os pais e o irmão, Harry, viviam na aldeia de Little Skell, perto de Cavendon Park, tal como os seus antepassados tinham feito por mais de 170 anos.

Era uma bela manhã de sexta-feira em meados de julho, e não havia sinais de chuva. Os raios de sol banhavam a casa com aquela cristalina luz setentrional que conferia ao seu exterior o brilho suave e peculiar em diferentes horas do dia.

Cecily olhou em volta enquanto caminhava. Quase esperara ver Genevra por ali, mas não havia sinais da cigana. As carroças eram visíveis no monte no extremo dos campos; a família de Genevra continuava a viver nas terras do 6.º Conde, era um facto. Este sempre o permitira; supunha que ficariam para sempre.

Mas muito mudara. Cavendon Hall parecia igual, mas já não era o que fora. Era um lugar diferente, como, de facto, o eram muitas outras coisas. A Grande Guerra alterara tudo e todos, e conforme dizia o seu pai, Walter, os bons velhos tempos tinham terminado, e já nada seria igual. Palavras de pura verdade.

Felizmente o pai e o irmão de Cecily tinham voltado sãos e salvos da Grande Guerra, mas o mesmo não acontecera com Guy Ingham.



O herdeiro do condado de Mowbray morrera em França a combater pelo seu país, e fora enterrado junto dos seus camaradas de armas.

Todos o tinham chorado, a família e os habitantes das três aldeias em redor de Cavendon. Não porque fosse o herdeiro, mas porque era um dos jovens mais simpáticos. Agora seria Miles a herdar o título, e tudo o mais que isso implicava.

Miles Ingham.

Cecily sentiu o coração apertado ao pensar nele. Fora o companheiro constante da sua infância, o seu melhor amigo, e, mais tarde, o seu amado. Amara-o com todo o seu ser e ainda o amava. Miles dissera-lhe muitas vezes que sentia o mesmo, e que um dia casariam. Mas tal não acontecera.

Miles fora forçado a casar com outra jovem. Uma jovem adequada. Clarissa Meldrew, filha de Lorde Meldrew. A jovem perfeita para dar a Miles um herdeiro aristocrático. Era assim a aristocracia: os futuros herdeiros dominavam-lhes a vida e os destinos.

Cecily deteve-se subitamente e virou à sua esquerda para se dirigir ao roseiral. Precisava de uns momentos para pensar e, de qualquer forma, era ainda muito cedo para a reunião.

Segundos depois abria a pesada porta de carvalho e descia os degraus. Sentiu o odor daquele antigo jardim murado, cheio do perfume das últimas rosas. Aspirou o aroma inebriante ao sentar-se num banco de ferro forjado. Um refúgio de paz e de beleza.

Mantendo-se perfeitamente imóvel, fechou os olhos, perguntando a si própria porque aceitara fazer aquilo — ajudar Miles a tratar dos eventos planeados pelo conde para a reunião de família. Era provavelmente a coisa mais estúpida que fizera em toda a sua vida.

*Só se fores estúpida, disse para consigo. É evidente que a tia Charlotte pensa que és capaz de lidar com uma situação difícil, ou não teria solicitado a tua ajuda.*

A voz da tia ecoava-lhe na mente quando recordou a discussão que haviam tido na semana anterior. Recordava-se bem das palavras dela.

— Lady Daphne é a única capaz de organizar o fim de semana com o Miles, mas está muito ocupada com a gestão de Cavendon e cinco filhos à volta dela. Pessoalmente, agradecia-te que viesses ajudá-lo, Ceci.

Lembrava-se agora de como tentara escapar, pois a ideia não lhe agradava de todo. Murmurara qualquer coisa acerca de as irmãs dele

poderem fazer as coisas melhor do que ela, mas a tia rebatera as suas objeções com um aceno da mão.

— Pode haver dificuldades, Ceci, e precisamos de uma pessoa forte como tu. Uma pessoa que possa ser dura, se necessário for.

Claro que podia ser dura, sabia-o bem. Mas teria, principalmente, de ser dura consigo própria. E com Miles Ingham.

Nos últimos seis anos não tivera uma única conversa com ele. Falavam-se de vez em quando ao encontrarem-se em Cavendon, ou acenavam, mas mais nada. Havia seis anos que Ceci prometera nunca mais permitir que ele se aproximasse dela, e a tia mostrara-se de acordo quando lhe fizera confidências.

— Caminharei sozinha e dedicar-me-ei à minha carreira de estilista — dissera Cecily, e Charlotte parecera satisfeita e aliviada.

Inesperadamente, Charlotte pedira-lhe agora que ajudasse Miles, o que a confundira. Mas, de facto, não teria outro remédio.

Cecily suspirou e endireitou-se. Devia tudo a Charlotte Swann. Fora a tia que apoiara o seu negócio, que a presenteara com a sua primeira loja em Burlington Arcade, e que tornara possível a sua carreira. E fora com o dinheiro de Charlotte que fundara a empresa. Tinham-se tornado sócias e ainda o eram, e trabalhavam magnificamente juntas.

*Ela confia que me comportarei da melhor maneira, concluiu Cecily. Sabe que não sucumbirei aos encantos dele, nem me envolverei com ele a nível pessoal. Compreende que a dor que Miles me causou é demasiado profunda. Além do mais, tem consciência de que me dediquei completamente à minha profissão, de que é a minha vida.*

Erguendo-se, Cecily saiu do roseiral e subiu a encosta em direção à casa. Sentia-se melhor. Conseguiria lidar com Miles Ingham. Não tinha medo dele. Pensando bem, não tinha medo de ninguém.

Aprendera nos últimos seis anos a ser independente, sendo firme e tomando as suas decisões. Além do mais, era um sucesso. As mulheres adoravam as suas roupas; compravam-nas às carradas. E não só em Londres, mas também na América. Já fizera duas viagens a Nova Iorque, e o seu nome era conhecido em ambos os lados do Atlântico.

Miles tinha os seus problemas. E Cavendon também.

O futuro dela era cheio de luz e desafio e, com alguma sorte, ainda mais sucesso. Miles Ingham fazia parte do passado. Os olhos dela estavam concentrados no futuro.

Ajudá-lo-ia nesse fim de semana e, a seguir, voltaria para Londres para continuar o seu trabalho, deixando Miles com as suas coisas. Na sua vida não havia lugar para ele. Ela nunca esqueceria aquele dia, seis anos antes, quando ele lhe dissera que ia casar com outra mulher. Partira-lhe o coração, e ela nunca o perdoaria.

## DOIS



**M**iles Ingham baixou-se para apanhar os bocadinhos de cortiça e colocou-os sobre a lareira, ao lado do relógio. Apenas a Sra. Charlotte sabia como os inserir devidamente atrás das duas pinturas de cavalos da autoria de George Stubbs, para que não escorregassem. Havia anos que ela o fazia e mais ninguém conseguia dominar a técnica.

Voltando-se, dirigiu-se à secretária do pai e sentou-se a olhar para a lista que fizera. Eram pontos que queria conferir com Cecily em relação aos dias seguintes.

Cecily Swann.

Desejava vê-la, falar-lhe, apenas estar perto dela. Contudo, também o temia. Havia anos que ela se limitava a ser educada para com ele, sempre que se encontravam ali em Cavendon.

O comportamento dela fora tão distante, tão frio, que ele fora incapaz de quebrar os muros gelados que Cecily erguera em seu redor. Congelara-o fora deles e Miles compreendia porquê. Magoara-a profundamente, e a dor que lhe causara nunca desaparecera. Era como uma ferida aberta.

Agora aquilo apresentava-se como um problema, pois tinham de ser cordiais um com o outro durante alguns dias, para levar a cabo aquela invulgar reunião de família. Já se apercebera de que teria de descobrir um modo de agir que ela considerasse aceitável.

Suspirou para consigo e, nervoso, levantou-se de um salto. Andou para a frente e para trás no escritório, tentando controlar as suas intensas emoções. Cecily chegaria a qualquer momento e ele nada

formulara na sua mente, não preparara palavras, nem sequer um cumprimento. Estava também aflito em relação aos dias que se seguiriam e sobre como lidariam com a situação.

Na semana anterior, desejara por momentos que o pai não tivesse decidido convidar a família para uma visita de fim de semana.

Por outro lado, há muito que não havia festas ou reuniões em Cavendon. Nada para celebrar, com os problemas financeiros da família, a perda de trabalhadores na Grande Guerra, e o escândalo que rodeava a mãe e que todos tentavam ignorar. Depois havia também a preocupante depressão de DeLacy por causa do divórcio, já para não falar das enormes perdas financeiras de Hugo na Bolsa de Nova Iorque.

E que confusão era a sua vida. Miles estava perfeitamente ciente de que não tinha vida, na verdade. Acabara por vir a detestar Clarissa, tendo-se apercebido rapidamente de que ela nada devia à inteligência e era uma mulher gastadora, cujas conversas giravam apenas em torno de roupas, cosméticos e joias. Tudo isso o aborrecia. E era coscuvilheira. Adorava falar das amigas e nem sempre com simpatia. Ele desprezava-a pelos comentários maldosos que fazia acerca de outras mulheres.

Lord Meldrew, pai de Clarissa, também lhe desagradava. Mimava em excesso a única filha, dando-lhe tudo o que ela desejava. Isso criara um desentendimento entre eles; Miles detestava mulheres mimadas e ela era particularmente gananciosa. Havia muito que Miles aceitara que estava preso a uma mulher tola e, pior ainda, incapaz de conceber.

Continuava sem o desejado herdeiro. Não só ela demonstrara ser estéril, como, para seu desapontamento, ganhara uma aversão a Cavendon Hall e mal punha os pés em Yorkshire.

— No fundo, não sou uma rapariga do campo — informara-o logo no princípio do casamento.

*Que casamento?*, perguntava agora a si próprio, aproximando-se da janela para olhar para o parque, para lá do terraço.

Logo a seguir ficou imóvel. Viu que Cecily subia os degraus do terraço e os seus pensamentos esvaneceram. Sentiu o peito apertado e, por momentos, quase não conseguiu respirar. Depois engoliu em seco, controlou firmemente as suas emoções, e foi abrir as portas do terraço.

À medida que ela se aproximava sentiu-se maravilhado com a sua beleza: o seu luxuriante cabelo com reflexos ruivos, a pele de marfim,

os olhos alfazema, esfumados, cinzento-azulados, que diziam ao mundo que ela era sem dúvida uma Swann. Tinham todos aquela cor de olhos.

Cecily trazia um vestido branco debruado a azul-escuro, com um cinto da mesma cor, solto, informal, com a saia de seda a ondular-lhe em redor das longas pernas.

— Olá, Cecily — conseguiu dizer a custo, sentindo o coração bater-lhe acelerado no peito. Espantou-se por a voz não lhe ter saído trémula. Para seu alívio, soou muito normal. — Obrigado por teres vindo.

Ela limitou-se a um aceno de cabeça e aceitou a mão que ele lhe estendia. Apertou-lha e deixou-a cair imediatamente, recuando. Depois lançou-lhe um olhar frio e murmurou:

— Espero que o tempo se mantenha assim nos próximos dias. — A sua voz estava suave e calma.

— Sim. Eu também — concordou ele, ficando inesperadamente sem nada para dizer. Pondo-lhe a mão sob o cotovelo, conduziu-a pelo terraço e levou-a para a biblioteca, para logo fechar a porta.

Cecily gravitou imediatamente para a lareira, como quase toda a gente fazia. O aposento estava sempre frio, mesmo nos meses de verão.

— Quero pedir-te desculpa — declarou Miles, que a seguiu em passo apressado.

— Porquê? — perguntou ela, algo irritada.

— Por ser negligente... isto é, por nunca te ter felicitado nos últimos seis anos, pelo teu fantástico sucesso como estilista. Saíste-te tão bem, maravilhosamente bem, e quero que saibas quão contente me sinto por isso. E estou muito orgulhoso de ti. — Miles pigarreou, antes de acrescentar: — Tentei escrever-te, mas de cada vez que começava uma carta, deitava-a fora. As palavras não me saíam como devia ser. E, de qualquer maneira, pensei que uma carta minha poderia irritar-te.

— Sim. Era o que aconteceria, dadas as circunstâncias.

Cecily sentou-se numa cadeira junto ao lume. Quando se acomodou, endireitando a saia do vestido, não pôde deixar de pensar que Miles não parecia bem. Perdera peso e havia nele uma fraqueza curiosa, bem como uma aura de tristeza, bem patente nos seus olhos azuis. Sentiu pena dele ao perceber que passava por tempos difíceis.

Miles seguiu-lhe o exemplo e sentou-se no sofá em frente dela.

— Tenho uma lista de coisas que gostaria de analisar contigo acerca de sábado e domingo — disse em voz baixa. — Porém, há algo que tenho de discutir contigo primeiro.

Cecily concentrou nele o olhar e assentiu.

— Por favor, diz-me o que estás a pensar.

— Trata-se da nossa atitude. Durante todos estes anos, temos sido educados quando nos encontramos, mas nada mais. E compreendo porquê. Porém, se nos próximos dias parecermos antipáticos um com o outro, especialmente diante da família, será um pouco embaraçoso. Não achas?

— Sim. Já me ocorreu que o meu antagonismo em relação a ti pode ser um problema, e que creio que será melhor corrigir o meu comportamento.

— E eu também, Cecily. — Esboçou um leve sorriso. — Ontem lembrei-me de que poderíamos voltar ao passado — acrescentou. — Talvez nos pudéssemos comportar como então. Divertíamos-nos, éramos felizes.

Cecily manteve-se em silêncio, e Miles repetiu:

— Bom, divertíamos-nos mesmo, e éramos felizes.

— É verdade, mas espero que não penses que vou voltar ao sótão para visitar o nosso «ninho de amor», como costumavas chamar-lhe.

Cecily dissera-o num tom tão solene e com uma expressão tão séria que Miles desatou a rir, surpreendendo-se a si próprio; era a primeira vez que soltava uma gargalhada em vários meses.

— Claro que não — balbuciou, e logo a seguir conteve a hilaridade. — Estou a falar do nosso comportamento — explicou.

Cecily conseguiu manter-se séria, embora tivesse havido um momento em que quase desatara a rir com ele. Mas não ia ceder. Nunca na vida.

— Creio que, se tentarmos apagar os últimos anos e recordarmos a nossa amizade de juventude, poderá funcionar — respondeu por fim. — Vou tentar com todas as minhas forças, pois temos de garantir que Lorde Mowbray terá a celebração perfeita.

— Obrigado, Ceci, sabia que perceberias o sentido de chegarmos a um acordo.

— Claro, Miles, será um meio-termo — respondeu ela, com alguma rigidez.

Ignorando o tom frio, Miles mudou de posição no sofá e continuou:  
— Há apenas uma coisa que desejo explicar-te, uma coisa que  
deves saber.

Miles alterara o tom de voz, agora sério, e ela ergueu imediatamente os olhos para ele. Conhecendo-o como conhecia, tinha a certeza de que lhe diria algo verdadeiramente importante.

— Diz-me então — pediu, olhando-o com uma expressão firme e serena.

— Vou a Londres na próxima semana. Há tempos que lá não vou. E vou pedir o divórcio à Clarissa.

Cecily não esperara aquilo e sentiu-se chocada.

— Mas o que dirá o conde? — perguntou, sem poder evitar.

— O meu pai sabe que o casamento não resultou e que não somos de modo algum compatíveis. A Clarissa odeia o campo; além do mais, nunca engravidou. Não me deu um herdeiro, o que preocupa tanto o meu pai como me perturba. E isso não acontecerá agora, porque estamos separados há algum tempo.

Cecily não reagiu, e Miles acrescentou:

— Mas, na verdade, já sabes isso. Porque és uma Swann, e os Swanns sabem tudo acerca dos Inghams.

— Nem sempre — comentou. — Mas sim, é verdade. Sabia que o teu casamento não era feliz, Miles. A minha tia-avó Charlotte disse-mo. Lamento que não tenha dado resultado.

— Também eu — resmungou ele. — Tendo em conta os sacrifícios que fiz.

— Bem sei. — E Cecily nada mais disse, pensando nos sacrifícios que também ela fora obrigada a fazer. Mas o melhor seria ficar calada.

— Vou fazer uma oferta generosa à Clarissa — continuou Miles. — Pensão, e a casa de Kensington que o meu pai nos ofereceu como presente de casamento. Mesmo assim, não tenho a certeza de que concorde com o divórcio.

Cecily franziu a testa.

— Porque não? — perguntou num tom confuso. — Afinal, é jovem e bonita, pode voltar a casar. E considera o que levaria para um novo casamento: uma pensão e uma bela casa.

— A pensão terminaria se voltasse a casar, mas conservaria a casa. Porém, há um problema, sabes.



— Qual?

— Ela quer o título, quer ser condessa, e vai tentar agarrar-se a isso. Quando, no ano passado, o meu pai teve o ataque de coração, houve momentos em que pensei que ela ficara incrivelmente feliz e ansiosa, à espera de que ele morresse e deixasse aberto o caminho para mim. E para ela, claro.

— Mas isso é uma coisa horrível, Miles! Horrível! — Cecily parecia perturbada.

— Bem sei! Era grotesco, principalmente porque nessa altura já estávamos separados. Mas tenho a certeza de que hei de vencer. O meu pai falou com o advogado dele e o melhor será eu ficar com as culpas, fornecer provas de adultério, para que ela me possa pedir o divórcio. Se ela não concordar, terei de ser eu a pedi-lo. Segundo o advogado do meu pai, o Sr. Paulson, tenho razões para tal. Não de adultério, mas de abandono. Sabes, a Clarissa fez as malas e deixou-me aqui em Cavendon. Por outras palavras, abandonou o lar.

Cecily recostou-se na cadeira, a pensar nos últimos seis anos. Para Miles tinham sido anos perdidos, mas para ela haviam sido produtivos, pois começara a sua empresa de moda, que se mantinha florescente e lucrativa.

— Em que estás a pensar? — perguntou Miles em voz baixa, olhando-a com cautela.

— Estava a pensar nos anos que perdeste — murmurou ela, sincera como sempre.

— Bem sei. Por outro lado, aprendi muito sobre agricultura, gado, sobre a terra, sobre o pântano dos galos silvestres, sobre como administrar a propriedade. E continuo a aprender. — Inclinou-se para diante e olhou-a com atenção. — Quando, por fim, eu ficar livre, divorciado da Clarissa, terei alguma possibilidade?

— O que queres dizer com isso, exatamente? — perguntou Cecily, com a boca seca e uma sensação de alarme a percorrê-la.

— Sabes muito bem o que quero dizer. Mas digo-to claramente: haverá alguma possibilidade para nós os dois, Ceci?

Cecily não ficou surpreendida pela pergunta, pois sabia que ele continuava a amá-la, tal como ela a ele. Nada alteraria os sentimentos de ambos. Para ela nunca haveria outra pessoa e ela sabia que o mesmo se passava com ele. Mas Miles era diferente numa coisa. Era o herdeiro

de um condado, e o pai dele desejaria sem dúvida que a nova nora fosse uma aristocrata, e não uma jovem vulgar como ela. DeLacy fizera-lho notar havia seis anos, quando lhe declarara intempestivamente que Miles ficara noivo de uma aristocrata. «Nunca poderia casar com uma rapariga vulgar como tu», dissera, e Cecily nunca se esquecera daquelas palavras.

— Não me respondeste — disse Miles, com os olhos azuis cheios de amor por ela. Aquela horrível tristeza fora agora eliminada.

O modo como ele a olhava, o seu rosto cheio de desejo, tocou-a profundamente. A expressão dele dizia-lhe tanto e refletia o que ela sentira durante anos.

— Quando eu tinha 12 anos, pediste-me em casamento e eu aceitei — disse ela lentamente. — Mas éramos demasiado jovens. Quando eu tinha 18 anos, pediste novamente e eu aceitei. Porém, casaste com outra mulher. O que estás a dizer-me agora, Miles? Que à terceira é de vez? — Ergueu uma sobrancelha com uma expressão interrogativa.

Ele assentiu e um sorriso apagou-lhe o ar grave.

— Sim, podes crer que à terceira é de vez! Quer dizer que te casarás comigo quando me divorciar? — Parecia entusiasmado e a sua voz era mais leve, até mais jovem.

— Não sei — respondeu ela. — Sinceramente, creio que não. Mudei muito, e tu também. — Fez uma pausa e respirou fundo. — Mas a situação não se alterou. Continuo a ser uma jovem vulgar. E não me posso comprometer contigo agora, Miles, nem tu comigo.

— Ainda me amas, Cecily Swann. Tal como eu te amo. Nunca deixei de te amar, sabe-lo bem. — Recostou-se na cadeira, com uma expressão pensativa no rosto. — Pertencemos um ao outro desde crianças — acrescentou numa voz baixa e terna.

Cecily ficou em silêncio, com o rosto inexpressivo. Mas sentia o coração apertado. Queria dizer-lhe que sim, dizer-lhe que lhe pertencia, mas não se atrevia a tal. Não poderia expôr-se, porque era o pai dele, o Conde de Mowbray, quem teria a última palavra, e não Miles.

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, Miles declarou:

— Primeiro, Ceci, terei de conseguir a minha liberdade, e depois conversaremos de novo e resolveremos as coisas. Concordas com isso?

Cecily limitou-se a assentir.

— Pronto — concluiu Miles. — Vamos então tratar das coisas para os eventos dos próximos dias. Eis o que penso que deveremos fazer no sábado à noite.

Começou a delinear os planos iniciais, mas com um sorriso interior. Teria Cecily só para si, independentemente do que ela pensasse. Os homens Ingham e as mulheres Swann não resistiam uns aos outros, e ele e ela não eram exceção. Estava destinado.

## TRÊS



O jardim era uma maravilha, com as suas sebes baixas de alfeina diante de canteiros de flores maravilhosas. Tão belas que lhe cortavam a respiração.

O rosto de Charlotte abriu-se num sorriso de prazer e sentiu-se invadida por uma onda de orgulho. Harry, seu sobrinho-neto, criara aquele efeito cheio de imaginação na sala verde-clara da Ala Sul.

Recordava-lhe o jardim interior que, anos antes, ela própria criara para aquele aposento. Tinham passado exatamente 13 anos desde que o construía para o principal evento desse ano, o jantar dançante anual, para o qual toda a aristocracia do condado era convidada.

A noite fora memorável em todos os sentidos e Lady Daphne deslumbrara toda a gente com a sua incomparável beleza, envergando um vestido de cintilantes contas azuis-esverdeadas, da cor do mar. Fora alvo de conversas durante semanas, e Charlotte nunca se esquecerá de como estava maravilhosa.

Continuando a pensar em Harry, Charlotte lamentou, de súbito, que ele tivesse mudado de ideias. Era um jardineiro muito dotado, com uma enorme visão para formas e cores e, na sua opinião, os jardins exteriores que criava eram verdadeiras obras de arte.

Infelizmente, ele perdera o interesse em ser jardineiro paisagista. Em vez disso, queria agora ser gestor de propriedades, saboreando a ideia de trabalhar com Miles e de aprender com Alex Cope, que havia dois anos substituíra Jim Waters na administração da propriedade.

A revolta de Harry tivera lugar no início do ano e abalara o pai, Walter, que se sentira traído ao aperceber-se de que o filho contemplava a ideia de sair de Cavendon.

Alice, a mãe, não ficara tão surpreendida. Desde o momento em que Harry regressara da Grande Guerra que se apercebera de que ele mudara consideravelmente, afetado pela brutalidade da matança massiva a que assistira na frente de batalha.

Todos os soldados tinham regressado alterados pelas suas experiências, até o marido. Enquanto Walter era mais contemplativo, o filho adquirira uma atitude independente e tornara-se muito ambicioso; sentia que a sociedade estava em dívida para com ele.

Fora Cecily quem pedira a Charlotte que interviesse, e ela assim fizera. Bastara-lhe trocar umas palavras com Lorde Mowbray e depois com Alex Cope para poder ajudar Harry a subir os degraus de Cavendon.

— Então? Está tudo bem?

Charlotte deu um salto, sobressaltada ao ouvir a voz de Harry. Voltou a cabeça e viu-o encostado à ombreira da porta, com uma expressão interrogativa no rosto.

— Mais do que bem — respondeu. — Está maravilhoso. Harry, excedeste-te a ti próprio.

— Creio que herdei de si o pouco talento que tenho, tia Charlotte.

— Oh, és muito melhor jardineiro do que eu, um verdadeiro profissional, e foste muito simpático por teres ocupado o teu tempo e tido trabalho a criares isto. Obrigada, Harry.

— Foi um prazer, e também a forma de lhe agradecer por me ter ajudado a resolver as coisas com o meu pai — respondeu ele, e entrou no aposento. — Gostaria de lhe perguntar uma coisa... — Deteve-se, hesitante, como se fosse mudar de ideias. Deixou a frase a meio e ficou junto à cadeira da tia, visivelmente atrapalhado.

Charlotte ergueu os olhos para ele, pensando em como era bem-parecido. Aos 28 anos era alto, como o pai, e herdara os belos traços dos Swanns, as feições esculpidas, o cabelo espesso e castanho-vermelhado. Tinha até os olhos cinzento-azulados, com aquela estranha tonalidade lavanda, própria da família.

— Passa-se alguma coisa, Harry? — perguntou. — Pareces preocupado.

— Não estou preocupado, apenas curioso, creio. Gostava de saber porque pediu à Ceci que ajudasse o Miles nos eventos para amanhã e domingo. Não poderia uma das irmãs juntar-se a ele?

Charlotte abanou a cabeça.

— A Daphne está muito ocupada, a Dulcie é muito nova, a DeLacy está muito deprimida. Quando à Diedre, é demasiado intelectual para assuntos tão mundanos como tratar de eventos para uma reunião de família. A Ceci era a única possibilidade, porque creio que ele precisa de um suporte.

— Pobre Miles. Tenho pena dele, por ter de trabalhar com a minha irmã. Vai arranjar frieiras.

Charlotte riu-se e abanou a cabeça. O tom de Harry era incisivo, mas, afinal, o rapaz tinha sempre uma resposta apropriada na ponta da língua.

— Porém, há outra razão — declarou Charlotte voluntariamente.

— Foi o que pensei — respondeu Harry. — O Miles está desgastado e magoado, precisa de ser tratado com bondade. E a Ceci vai ser boa para ele, apesar de, no fundo, ainda estar zangada.

Charlotte olhou para Harry, e pensou em como o sobrinho era astuto. Conhecia bem a irmã, e ele e Miles eram amigos desde a infância e tinham crescido ali.

— De facto ocorreu-me que, ao reuni-los, talvez estivesse a jogar um jogo perigoso — alvitrou Charlotte. — Mas percebi que são ambos adultos, crescidos o suficiente para lidar consigo próprios e com os seus problemas.

— Concordo. — Harry afastou-se e foi olhar para os canteiros. Tirou uma flor seca e meteu-a no bolso. — Está à espera de que haja algum problema, não é verdade? — perguntou sem olhar para a tia.

— Para ser franca, não sei bem. Talvez uns resmungos e avisos desagradáveis, mas nada de que não possamos dar conta. Por outro lado, pensei que seria melhor estar preparada. E não há ninguém como a Cecily quando se trata de controlar uma situação difícil. Sabe ser neutra, muito calma e racional. Sempre lhe disse que daria uma boa diplomata... é uma ótima negociadora, sabes?

— Quem é ótima negociadora? — perguntou Lady Dulcie da porta, para logo entrar no aposento, muito bela com um vestido de verão amarelo-pálido.

Com 18 anos, pouco mudara desde que era criança: franca, de resposta rápida e fluente. Senhora de uma grande autoconfiança, socialmente segura e com grande inteligência, já não tinha medo de Diedre, mas era automaticamente cautelosa junto da irmã. Para Dulcie, Charlotte era como uma mãe; fora ela quem a educara, acompanhada pela ama Clarice e com a ajuda de Daphne. Estas três mulheres tinham sido as maiores influências na vida da jovem.

Deslizando pela sala com um enorme sorriso, Dulcie dirigiu-se imediatamente para os braços estendidos de Charlotte. As duas mulheres abraçaram-se, para logo se separarem.

— Que bom vê-la, ainda bem que está de volta. Tive saudades suas. Mas foi bom estar em Londres, não é verdade?

— Pois foi, e adorei ficar com a tia Vanessa. Ajudou-me tanto com os meus estudos de História da Arte. Mas estou muito contente por estar em casa.

Fitou Harry, cujos olhos não a tinham abandonado, e corou levemente ao dizer:

— Olá, Harry, que bom ver-te.

Ele inclinou a cabeça com o rosto cheio de felicidade.

— Bem-vinda a casa, Lady Dulcie. — Foi o que conseguiu pronunciar. Nunca sabia o que dizer quando a filha mais nova do conde estava presente. Era tão bela que ele se sentia tonto sempre que estava na sua companhia. Adorava-a, e desejava secretamente conhecê-la melhor.

Charlotte encarregou-se da conversa.

— Veja o belo jardim que o Harry criou, Lady Dulcie. É para o jantar de amanhã. Não é soberbo?

— Nunca vi uma coisa assim — respondeu Dulcie. — Parabéns — disse, voltando-se para Harry. — És um verdadeiro artista. — Depois desatou a rir. — Agora me lembro, vi um assim há muito tempo, quando tinha 5 anos. Apareci aqui coberta de chocolate, quando o grande baile estava prestes a começar.

Charlotte sorriu, recordando-se do incidente. Não estivera presente, mas no dia seguinte soubera do que se passara.

— Parece que nenhuma das damas foi capaz de se aproximar de si! Pelo menos foi o que me contaram. Tiveram medo de sujar os vestidos.

Dulcie sorriu.

— Onde está a minha irmã, Daphne? Sabe, Sra. Charlotte? Não consegui encontrá-la.

— Tenho a certeza de que agora já terá regressado à estufa. Disse-me que ia lá verificar os lugares onde as pessoas se sentarão.

— Então vou lá ter com ela. Assim que me disser quem é essa ótima negociadora.

— É a Cecily, pois claro — respondeu Charlotte.



## QUATRO



— **B**em-vinda a casa, minha querida — disse Daphne, enquanto Dulcie atravessava a estufa a correr e se atirava para os braços da sua irmã preferida. — Tive muitas saudades tuas — acrescentou, olhando-a com atenção. — Mais bela do que nunca — declarou.

— Não, nem pensar, tu és a famosa beleza da nossa família — exclamou Dulcie, e continuou rapidamente: — Estava ansiosa por chegar, tenho tanto para te contar. Principalmente sobre a Felicity.

Daphne assentiu e conduziu Dulcie para o canapé de verga, onde se sentaram. Desde que a mãe saíra de Cavendon que Dulcie se referia a ela pelo nome próprio, nunca por mamã. Por vezes falava dela como «a mulher que me abandonou», e tinha também uma série de alcunhas desagradáveis e ridículas para ela.

Daphne percebia as razões da irmã. Felicity estivera demasiado preocupada com a doença fatal da irmã e os seus problemas pessoais para dar atenção a Dulcie quando esta era criança, e a filha nunca a perdoara. Mesmo agora, já crescida, a animosidade mantinha-se.

Acomodando-se no pequeno canapé, Daphne disse:

— Sou toda ouvidos, conta-me tudo.

— Informaram-me de que a Felicity vai mandar embora aquele médico maníaco sempre a brandir uma faca... que não é a única coisa que ele gosta de exhibir. Pelo que sei, é um mulherengo e exhibe a sua masculinidade em toda a parte.

Dulcie recostou-se ao lado da irmã e aguardou uma reação, com os olhos fixos no rosto de Daphne.

Esta desatou a rir, como sempre, genuinamente divertida pelo extraordinário uso que Dulcie fazia da linguagem. O pai dizia constantemente que ela devia ter sido escritora pela maneira especial como utilizava as palavras, e Daphne estava totalmente de acordo.

— Quem te disse isso?

— A mãe da Margaret Atholl — respondeu Dulcie. — Lady Dunham. Disse-me também que corre o boato de que o casamento é muito infeliz, e de que a Felicity pensa voltar para Cavendon. Mas ela não vai voltar, pois não, Daphne? Não suportaria ter aqui essa criatura ávida e devoradora de homens. O papá não se apaixonaria outra vez por ela, pois não?

— Ela nem tentaria. — Daphne abanou a cabeça e disfarçou uma gargalhada. — E certamente o pai não estaria interessado. São apenas mexericos de quem não tem que fazer. Porém, talvez ela mande embora o cirurgião. Também eu já ouvi histórias acerca do comportamento dele.

— Um adúltero muito experiente, que pensa que é o maior Don Juan e que é impossível uma mulher resistir-lhe. E muito orgulhoso dos seus... encantos escondidos, por assim dizer.

Daphne não pôde deixar de rir mais uma vez, mas por fim conseguiu dizer:

— Segundo a Diedre, todos os cirurgiões se consideram Deus. Porque salvam vidas, suponho.

— Ou dão cabo delas — ripostou Dulcie.

Houve um momento de silêncio, e a seguir Dulcie aproximou-se mais, confidenciando:

— Creio que a tia Vanessa talvez case com aquele seu amigo artista. Ele é muito simpático e pertence à respeitada família Barnard, que é muito bem relacionada. Foi bondoso comigo e ajudou-me com o curso de História da Arte.

Daphne foi apanhada de surpresa e lançou a Dulcie um olhar penetrante.

— Tens a certeza de que vem por aí um noivado?

— Não tenho a certeza absoluta, mas parece-me que sim. Ele vive praticamente em casa dela e nunca se separam. Babam-se um pelo outro.

— O papá não sabe, senão ter-me-ia dito. Mas de facto, a tia Vanessa não tem de lho participar, pois tem mais de 40 anos e pode fazer o que bem entender.

— Credo, eu não gostava de ter de esperar tanto para me casar! Já é muito tarde para ter filhos, não achas, Daphers?

— Talvez — respondeu Daphne.

Dulcie, que estava de frente para a porta, sobressaltou-se quando viu que o pai ali estava. Parecia furioso, e pensou que ele talvez estivesse zangado com ela por não o ter ido ver assim que chegara. Daphne também o viu à entrada da estufa e, pela sua expressão furiosa, soube imediatamente que algo acontecera. O que o teria perturbado? O pai geralmente era de trato fácil. Estremeceu interiormente, esperando que o problema não tivesse a ver com os eventos planeados para os dois dias seguintes.

— Olá, papá — disse Dulcie assim que o pai chegou junto delas. — Acabei de chegar — explicou rapidamente. — Estava prestes a ir cumprimentá-lo, papá.

Um sorriso perpassou o rosto de Charles Ingham, para logo desaparecer. Puxou a filha mais nova para os seus braços e beijou-a na face.

— Bem-vinda a casa, minha querida. Ainda bem que voltaste e que chegaste mais cedo.

Fez uma pausa, afastou-a um pouco, e perguntou:

— As tuas irmãs já chegaram?

— Creio que não, penso que sou a primeira. Queria chegar a tempo do chá.

O pai assentiu e voltou-se para Daphne, que se levantara do canapé.

— Preciso de falar contigo acerca de uma coisa. Em particular. É urgente. — Olhou para Dulcie. — Dás-nos licença, Dulcie, por favor?

— Claro, papá. Tenho de ir ao meu quarto. Deixei a Layton a desfazer as malas.



Assim que ficaram a sós, Daphne lançou um olhar interrogativo ao pai.

— O que se passa, papá? Vejo que está zangado. — Sentia-se tensa, ansiosa, embora o tentasse ocultar.

— Estou furioso, perturbado... e totalmente perplexo. Fui às criptas para tirar uma coisa de um dos cofres e descobri que faltam joias.

Daphne não conseguiu esconder o seu choque.

— Mas como pode ser isso? Só o pai é que tem a chave!

— É verdade, e estava no sítio devido. Peguei nela, abri a cripta principal, dirigi-me ao cofre, tirei a caixa e vi que faltava um par de brincos. Brincos de diamantes. Vi várias outras caixas, e estavam vazias. Fiquei em estado de choque, Daphne. Nem queria acreditar no que via.

— Por favor, papá, vamos imediatamente lá abaixo. Será melhor verificarmos todas as caixas das joias, não acha?

— Sim, claro que sim. Fiquei tão perturbado que corri cá acima sem o fazer.

— Pensa que alguém soubesse onde estava a chave? Que a tivesse levado, ido lá abaixo... durante a noite, digamos... e tenha retirado as joias?

— Como queres que saiba? Quem poderia saber onde estava guardada a chave principal?

— Já falou do assunto ao Hanson?

O conde abanou a cabeça.

— Vim diretamente para cima à tua procura. Vamos, Daphne, e traz uma folha de papel e um lápis. Será melhor fazermos uma lista de tudo o que falta. Que infelicidade ter descoberto isto agora, com o que se vai passar nos próximos dias.



Embora houvesse um cofre no chão da cozinha, que continha as pratas usadas habitualmente, existiam antigas criptas por baixo das caves. Tinham sido construídas por Humphrey Ingham, o 1.º Conde de Mowbray. Planearam-as com os arquitetos quando a casa estava a ser construída, no princípio do século XVIII. Eram profundas, e não só guardavam uma enorme coleção de joias, como valiosas peças de prata feitas pelos grandes mestres ourives desse século.

Enquanto desciam apressadamente, Daphne perguntou:

— Quando foi a última vez que estive na cripta das joias, papá?

— Tenho a certeza de que já foi há bastante tempo. Não temos dado festas, por isso ninguém pensou em ir buscar as joias para as usar. Estou verdadeiramente confuso, mas temos de resolver o mistério e reclamar as peças. O meu pai, o meu avô e o meu bisavô sempre consideraram o conteúdo dos cofres das criptas a nossa rede

de segurança. As peças foram compradas como investimento, mas também para serem usadas e exibidas. Muitas foram compradas pelo 1.º Conde quando comerciava nas Índias Ocidentais e na Índia. Comprou diamantes das famosas minas de Golconda, e essas peças são únicas.

Quando chegaram à porta de ferro, Charles abriu-a, entrando na enorme cripta e acendendo a luz.

— Foi uma boa ideia o meu pai ter mandado pôr eletricidade também aqui, de contrário, onde estaríamos hoje?

— Estaríamos a mandar pôr eletricidade aqui — murmurou Daphne, e seguiu o pai até um dos cofres maiores, que se encontrava encostado à parede no extremo da cripta.

Charles abriu o cofre e levantou um gasto estojo de couro vermelho.

— Aqui estavam os brincos de diamantes. Da *Cartier*. Como vêes a caixa está vazia. Esta aqui tinha uma única fieira de diamantes, também da *Cartier*.

Daphne assentiu e meteu a mão no cofre. Apertou com os dedos um estojo de couro azul debruado a ouro e puxou-o para fora.

— Este é o alfinete que usei no dia do meu casamento, papá.

— Receio que não, minha querida. A caixa também está vazia.

— Não posso acreditar! — exclamou, e ergueu a tampa. — Está vazia, e era uma das minhas peças preferidas. Usei-a no vestido de casamento, e depois a mamã usou-a no jantar que demos em janeiro de 1914, depois do nascimento da Alicia... — Daphne calou-se, ergueu o rosto para o pai e gritou: — Já sei quem levou as joias.

Charles olhou-a fixamente, de testa franzida.

— Vais acusar a tua mãe?

— Certamente que vou, papá! Foi a última pessoa a usar o alfinete com o laço de diamantes. — Daphne colocou o estojo vazio sobre a mesa que se encontrava no meio do aposento, olhou de novo para o cofre, e retirou de lá outros dois estojos. — Aqui deveria estar uma pequena tiara de diamantes e rubis e neste uma pulseira de diamantes e rubis a condizer.

Quando abriu as caixas, acenou com a cabeça.

— Papá, ela levou estas joias, sei que sim. Eram as preferidas dela, tal como as pérolas Marmaduke. Estão no outro cofre, não é verdade?

— Estão sim. Será melhor investigarmos, para termos a certeza do que falta aqui.

As pérolas, originárias do século XVIII, tinham um alto valor e estavam na posse dos Inghams havia muitos anos. Eram grandes, cuidadosamente combinadas, e formavam um colar de comprimento *ópera*, longo e elegante. O único fio era tão precioso que era difícil avaliá-lo. Daphne sabia que, caso fossem a leilão, renderiam muito dinheiro.

O estojo estava pesado e ela soube imediatamente que as pérolas estavam a salvo, que se encontravam lá dentro. Quando ergueu a tampa, assentiu e suspirou de alívio.

— Pelo menos não levou estas, papá.

— Tinha a certeza de que estavam aqui. As pérolas têm de ser retiradas do estojo de tempos a tempos para... bom, para poderem respirar. E por isso tenho levado a caixa lá para cima várias vezes — explicou Charles.

— Sei que a mamã levou as outras joias. Sabia onde estava a chave, e mais ninguém o sabia, exceto eu e o Miles. E nós não as roubámos. Foi ela, a sua ex-mulher e minha mãe, e eu vou reaver todas as peças. Hei de chegar para ela. Não descansarei enquanto as joias Ingham não voltarem ao seu devido lugar.

— Como vais fazer uma coisa dessas, Daphne? E como poderás provar que ela tem as joias? A tua mãe nunca admitirá ter levado de Cavendon algo que não lhe pertencia.

— Tenho um aliado — disse Daphne, após uns instantes de silêncio. — Sei de alguém que me irá ajudar. Tenho a certeza absoluta, papá.

Charles Ingham franziu a testa, com uma súbita expressão de preocupação no olhar.

— E quem é? Quem te vai ajudar?

— Não lhe posso dizer, papá. Não porque não confie em si, claro que confio. Mas mesmo assim, não posso dizer-lho. Pelo menos por agora. Quando eu conseguir e lhe devolver as joias, explico-lhe tudo.

Charles soltou um profundo suspiro.

— Quando pensas confrontar a Felicity?

— Nas próximas semanas, quando o pai não estiver cá. E vou obrigá-la a devolvê-las. Como é óbvio, não podemos fazer nada de momento. Ainda assim, não estou preocupada. Ela nunca as poderá vender.

— Claro. Saberíamos imediatamente se aparecessem no mercado.

— Vamos então fechar os cofres e as criptas e esquecer as joias desaparecidas durante os próximos dias. Na próxima semana farei uma lista e verificarei todos os estojos e caixas dos cofres, prometo.

— É um pouco preocupante — murmurou Charles, e fechou a porta do cofre.

— Bem sei, papá, mas não podemos deixar que este problema afete a... reunião de família. Não seria justo, pois não?

— Não, não seria. Como sempre, tens toda a razão, Daphne. O que faria eu sem ti?

## CINCO



**N**ão havia a mínima dúvida na mente de Daphne de que no momento em que o pai vira os estojos vazios, soubera imediatamente quem levava as joias. Mas esperara que fosse ela a fazer a ligação óbvia.

Na estufa, Daphne recostou-se na cadeira a pensar na mãe, aquela mulher que mudara de forma tão drástica que parecia uma desconhecida. Daphne culpava Lawrence Pierce. A culpa era dele. Fora uma má influência para Felicity e ainda o era, sem dúvida.

Suspirou para consigo. Nenhum deles poderia fazer grande coisa. A mãe estava casada com Pierce e, pelos vistos, ele era o seu rei e senhor, como Miles tão acertadamente dizia. Felicity causara um escândalo quando abandonara o lar para ficar com o cirurgião em Londres. Mas, de alguma forma, o pai e a família tinham conseguido aguentar, e a sua posição mantinha-se intacta. De qualquer maneira, quase todas as famílias que conheciam tinham um problema qualquer, fosse conjugal ou financeiro.

Parecia-lhe quase inconcebível que a mãe tivesse guardado as joias, como se fossem suas, e tivesse partido para Londres para se juntar ao amante sem pensar em mais nada. Nem nas joias que levava, que não eram suas, nem nos filhos que abandonava. E isso acontecera havia 12 anos.

A pequena Dulcie tinha apenas 6 anos e Alicia, a única neta da mãe, tinha menos de 1 ano.

Mas os filhos de Felicity tinham ficado bem. Não só se tinham uns aos outros, como tinham um pai extraordinário, um homem amoroso, que era a personificação da decência.



E ela tinha também o seu querido Hugo, e a primeira filha de ambos. E todos os Swanns. O que teriam feito sem os Swanns? Principalmente sem Charlotte.

O normal seria Daphne correr imediatamente para junto de Charlotte e contar-lhe que as joias tinham desaparecido, para depois lhe pedir ajuda. Mas não podia fazê-lo. Charlotte estava muito ocupada e não precisava de mais essa preocupação.

Daphne fechou os olhos, perguntando a si própria o que poderia fazer. Dissera ao pai que tinha um plano, mas não era verdade. Pensava apenas ir a Londres e confrontar a mãe.

Mas Felicity certamente negaria ter as joias, seria a única reação possível. E como poderia Daphne provar o contrário sem fazer uma busca à casa da mãe? E isso era algo impossível, fosse em que circunstância fosse. Tinha uma aliada, conforme dissera ao pai, pelo menos isso era verdade, mas poderia essa aliada fazer grande coisa?

Precisava, na verdade, de uma razão para se fazer convidada para tomar chá com a mãe. Mas a razão teria de ser mesmo muito boa, porque todos a tinham evitado socialmente uma vez ou outra durante aqueles anos.

— É então aqui que estás, minha querida — disse Hugo, interrompendo-lhe os pensamentos ao entrar na estufa.

Aos 45 anos continuava a ser um homem bonito. Daphne voltou-se na cadeira para lhe sorrir.

O marido inclinou-se, beijou-a na face e sentou-se.

— Andei à tua procura por todo o lado. Por fim, tenho boas notícias de Nova Iorque! Acabo de saber que o Paul Drummond conseguiu vender todos aqueles edifícios das fábricas que comprei na baixa de Manhattan, perto do bairro dos matadouros. E por um ótimo preço. O dinheiro pode ser muito bem utilizado aqui em Cavendon.

— Oh, Hugo, são ótimas notícias! — exclamou Daphne, o olhar cheio de amor por ele.

O marido fazia os possíveis por ajudar a manter Cavendon, que se afogava em impostos e tinha outros problemas. Ela e Hugo apoiavam o pai, ajudando-o a aguentar-se, e Daphne sentiu-se feliz por ver a expressão de tensão abandonar o rosto de Hugo.

— O papá ficar-te-á muito grato — disse. — E eu também. — Fez uma pausa. — Será um alívio para o meu pai — prosseguiu. — Descobriu hoje uma coisa horrível.

— O que diabo aconteceu? — perguntou Hugo, inclinando-se mais. Havia nela uma certa inquietação que não lhe era habitual. Era geralmente alegre e positiva, quaisquer que fossem os problemas que tivesse de enfrentar.

— O papá foi às criptas buscar uma coisa qualquer e descobriu que faltavam joias. É claro que percebeu imediatamente que a minha mãe as tinha levado...

— Quem mais poderia ter sido? — interrompeu Hugo em voz tensa. — Apenas a Condessa de Mowbray conhece o esconderijo da chave. Se bem me lembro, são essas as regras antigas, seguidas há gerações pelos Inghams.

— Sim. E o mordomo também sabe sempre onde está a chave. Mas garanto-te que o Hanson não roubou os brincos de diamantes para dar à sua apaixonada.

— E ele tem alguma? — perguntou Hugo, sem poder evitar uma gargalhada, apesar da gravidade do problema.

Daphne riu-se também.

— Disse ao meu pai que não se preocupasse com as peças que faltavam — continuou. — Que enquanto ele estivesse fora, eu recuperá-las-ia.

— E como pensas fazer isso? — perguntou Hugo, erguendo uma sobrancelha. — Vais ter com a Felicity e exigir que as devolva? — Abanou a cabeça e prosseguiu em voz baixa: — Sabes que a estarias a acusar de roubo, pois são propriedade do Conde de Mowbray, seu ex-marido. Não creio que a tua mãe aceite bem essa acusação, minha querida.

— Tens toda a razão, Hugo. Não o fará, bem sei. Mas tenho de a confrontar, não há outra alternativa. E tenho uma aliada.

— Aliada ou não, vou contigo a Londres. Certamente que, nestas circunstâncias, não deixarei que vás sozinha a casa de Felicity. O Lawrence Pierce pode muito bem lá estar e não quero que discutas com ele. — Lançou-lhe um olhar longo e especulativo. — E posso perguntar quem é a tua aliada?

— Eu digo-te, Hugo, mas é segredo. Não disse ao papá quem era.

— Prometo não dizer a ninguém.

— A Wilson.

Um olhar entendido trespassou o rosto de Hugo, e este assentiu.

— Claro que é a Wilson. A Olive sempre teve um fraquinho por ti, e não creio que a tua mãe esteja atualmente nas boas graças dela. Por outro lado, a tua mãe paga-lhe muitíssimo bem, por isso, por que razão poria o emprego em perigo?

— Porque em breve começará a trabalhar para mim. Dentro de alguns meses passará a ser a minha criada particular. Confessou-me que a sua situação em Charles Street é insustentável e que ia apresentar a sua demissão à minha mãe. Disse que queria aposentar-se. A Felicity fez barulho, não queria deixá-la ir, mas a Olive manteve-se firme e determinada. Assim, quando ela me fez estas confidências, pedi-lhe que viesse a Cavendon assim que estivesse disponível.

— Estou a ver — murmurou Hugo, recostando-se na cadeira e perguntando a si próprio quanto seria o vencimento de Wilson.

Como se lhe lesse os pensamentos, Daphne descansou-o:

— Não te preocupes com os custos, Hugo. Eu própria pagarei à Wilson. Tenho o meu fundo fiduciário e penso usar parte dele para lhe pagar o salário.

— E quando pensa a Wilson aposentar-se, por assim dizer, e vir para cá? — perguntou ele, a pensar que aqueles desenvolvimentos não agradariam a Felicity.

— Nunca antes de setembro, por isso temos muito tempo para tratar da questão das joias com a minha mãe.

— Seja o que for que a tua mãe diga, sei que a Wilson te dirá a verdade. É por isso que dizes que é tua aliada, não é verdade?

— Sim, Hugo. Todos os dias, a Wilson ajuda a minha mãe a vestir-se. Está encarregada das roupas dela e, calculo eu, das suas joias. — Fitou-o e acrescentou rapidamente: — Conheço essa tua expressão, Hugo. Estás a pensar que a Wilson já deveria ter-me contado... acerca das joias. Mas sabes, a Olive Wilson não sabe que não pertencem à minha mãe, que não fazem parte dos seus bens pessoais.

— Não faz ideia de que são uma herança de família? — perguntou ele, cético.

— Como haveria de saber? O meu avô era um rico industrial e tenho a certeza de que a Wilson pensa que as joias da minha mãe lhe foram oferecidas por ele. Ou pelo meu pai. Não há maneira de ela saber que as joias que a minha mãe usa devem ficar ao cuidado do atual conde; que não são dela, mas apenas um empréstimo.

— Faz sentido, minha querida — murmurou Hugo, e levantou-se.  
— Será melhor que volte ao anexo por algum tempo. Vejo-te ao chá.

— Oh, não, Hugo, terás de estar presente na pequena reunião que o meu pai vai fazer na biblioteca às 15h30. Só as meninas, o Miles e tu. Sei que a tua presença é importante para ele. Não te esqueceste, pois não?

— Tinha-me esquecido, mas lá estarei — respondeu, e aproximou-se para lhe beijar a face.

Daphne moveu um pouco a cabeça e, quando ele se inclinou, o rosto dela foi banhado pela luz do sol que entrava pela janela. Hugo ficou imediatamente impressionado pelo encanto da mulher naquela tarde. Aos 30 anos, Daphne estava no auge da sua beleza. *Treze anos*, pensou. Não lhe parecia possível que estivessem casados há quase tanto tempo.

Enquanto a beijou e lhe apertou afetuosamente o ombro, Hugo pensou nos filhos. A previsão de Genevra tornara-se realidade... a rapariga cigana vaticinara que Daphne teria cinco filhos, e assim fora. Eram Inghams perfeitos, belas meninas e meninos bem-parecidos. Adorava-os e mimava-os de uma forma impressionante. Mas porque não? Eram a sua vida, juntamente com Daphne.



Voltando ao anexo, Hugo continuava a pensar em Daphne e em como se transformara numa mulher maravilhosa durante aqueles anos; ajudara o pai a administrar Cavendon e fizera-o bem. Sorriu interiormente ao imaginar a mulher como o «general em funções», como chamava a si própria. Que belo general. Era muito formosa, muito elegante, o seu abundante cabelo louro um halo suave em redor do belo rosto. Não lhe fizera o corte chique dos Anos 20; e aqueles olhos maravilhosos, azuis como sempre, e a pele branca e perfeita.

*Tive sorte, tive muita sorte*, pensou. *Temos ambos saúde e ainda estamos apaixonados. Milagrosamente.*

## SEIS



**D**iedre encontrava-se no meio do seu quarto, olhando em redor, e os seus olhos pousaram em algumas das suas coisas preferidas. O grande espelho de prata sobre o toucador, oferecido pela mãe quando era pequenina; a coleção de almofadas de renda sobre a cama, que tinham sido feitas pela Sra. Alice especialmente para si; e o conjunto de escovas, pente e espelho de tartaruga e prata, oferecido pelo pai no dia em que fizera 16 anos.

Amava todas aquelas coisas, tal como adorava aquele quarto, que sempre fora seu e que era para si um dos locais mais especiais do mundo. Sentira a sua falta, e ao avançar para se sentar à sua escrivaninha georgiana, lágrimas inesperadas marejaram-lhe os olhos.

Ninguém a afastara de Cavendon; afastara-se ela por sua própria vontade. Não viera a casa devido ao desgosto que sentira durante muito tempo, por não querer que ninguém o testemunhasse.

O desgosto pela pessoa que mais amara em toda a sua vida era extremamente pessoal e, como tal, absolutamente privado. E como não conseguia falar do assunto, pelo menos não com coerência, ninguém a poderia consolar. Exceto, talvez, o pai, que era o mais compassivo e solidário dos homens.

Limpendo as lágrimas, Diedre sentou-se à escrivaninha de mogno e sentiu-se imediatamente mais calma. A irmã, DeLacy, adorava quartos de decoração chique e muitos folhos, enquanto ela apreciava as melhores escrivaninhas de Cavendon, e muitas vezes vasculhara os sótãos em busca de tesouros escondidos, principalmente entre as mais bonitas antiguidades.

Escolhera aquela escrivaninha havia muitos anos, e tornara-se a sua preferida, com as suas muitas gavetas, pequenos cubículos, e tampo verde de couro envernizado.

Sentiu-se invadida por uma onda de maravilhosas recordações, e o passado rodeou-a por alguns momentos. O seu diário de menina fora escrito ali, bem como a sua primeira carta de amor. Naquela escrivaninha fizera os trabalhos de casa, sempre diligente nessas coisas; ali escrevera cartões para os presentes da família, assim como cartões de boas-festas e parabéns.

Como era engraçado ter gostado tanto de escrivaninhas quando era pequena. E ainda gostava. Tinha três no seu apartamento de Kensington. Esse era outro refúgio seguro. Felizmente que o podia manter, graças ao fundo fiduciário do avô, Malcolm Wallace. Apenas ela e Daphne tinham esses fundos, porque o avô Wallace, o pai da mãe, falecera antes de as suas outras irmãs terem nascido.

Recostando-se na cadeira, Diedre deixou que os seus olhos vagueassem mais uma vez pelo quarto. Tinha muita luz, muito espaço, e uma maravilhosa sacada envidraçada com um assento. As paredes pintadas de cinzento-alfazema e os reposteiros a condizer ofereciam um ambiente tranquilo; era ali que se sentia confortável e em segurança.

Desejava agora não ter sido tão tola e ter vindo mais vezes a Cavendon nos últimos anos. Afinal, fora ali que crescera. Adorava cada centímetro da casa e do seu parque, para não falar dos jardins. A história daquela propriedade era a história dos Inghams e, como tal, fazia parte dela.

O pai sentia-se um pouco magoado por ela não ter vindo mais vezes a casa nos últimos anos. Tivera subitamente consciência disso hoje mais cedo, quando chegara a casa e fora ter com ele à biblioteca. Ele dissera-o em tom alegre, mas havia uma breve sugestão de tristeza na sua voz, que rapidamente desaparecera. Claro que o pai sabia esconder perfeitamente os seus sentimentos. Muitas vezes pensava que teria dado um bom ator.

Lembrou-o de que estivera frequentemente com ele na casa de Grosvenor Square; ele rira, mas informara-a de que não era a mesma coisa.

Não havia dúvida de que o pai se sentira muito feliz quando ela chegara nessa tarde, e mostrara-se o mais amistoso e simpático possível. Afinal, ela era a sua primeira filha. Quando ela se afastava,

recordou-lhe que, mais tarde, haveria uma pequena reunião antes do chá, na biblioteca, na qual ela deveria estar presente.

E estaria. Tal como no chá. Diedre esperava poder acompanhar a casa a tia-avó Gwendolyn, para falar com ela e confidenciar-lhe o seu problema. Soltou um pequeno suspiro e mordeu o lábio, pois o problema que a preocupava parecia-lhe intransponível, agora que pensava nele mais uma vez. Alfie Fennel, seu amigo íntimo, dissera-lhe recentemente que alguém se preparava para lhe causar sarilhos no Ministério da Guerra. Não sabia quem era, nem porquê.

E ela também não. Diedre adorava o trabalho que fizera durante a Grande Guerra, e ficara no ministério depois de esta ter terminado, na mesma divisão. Fora trabalhar para lá em 1914, com 21 anos. Tinha agora 33 e o trabalho era a sua vida. Sem ele, sentir-se-ia perdida.

As notícias que Alfie lhe dera tinham-na chocado, e tivera dificuldade em acreditar. Não queria ser despedida; sentia-se assustada só de pensar nisso. Ficaria com a vida — ou o que restava dela — arruinada, agora que o seu único amor tinha morrido.

Quando, por fim, insistira com Alfie e exigira que lhe contasse tudo o que sabia, ele obedeceu. E afinal não sabia muita coisa.

Johanna Ellsworth, prima de Alfie, fora a primeira a ouvir os boatos, e falara imediatamente com ele para sugerir que avisasse Diedre, que a informasse de um possível problema. Johanna estava bem relacionada e tinha ligações nos círculos políticos.

— Mas trata-se apenas de um boato — afirmara Alfie na semana anterior. — Os boatos pouco significam, não é verdade?

Diedre pensava que alguma coisa significariam, e foi o que afirmou, logo acrescentando que muita gente pensava que não havia fumo sem fogo.

Concentrava-se agora na palavra boato. Quem o espalhara? E por que razão? Teria sido alguém com algum ressentimento em relação a ela? Um concorrente? Teria um inimigo dentro do Ministério da Guerra? Ou fora? Alguém queria assustá-la? Se assim fosse, porquê? Parte do seu trabalho era fazer perguntas, e agora fazia-as a si própria, dando voltas à cabeça. Alfie sugerira que ela talvez tivesse cometido um grave erro ao tomar uma decisão.

De uma coisa estava certa: os seus superiores estavam verdadeiramente satisfeitos com o seu trabalho. Se o boato tivesse começado

no Ministério da Guerra, viera certamente de alguém numa posição inferior.

Diedre tinha a certeza de que a tia-avó poderia ajudá-la, dadas as suas relações no governo britânico. Conhecia toda a gente importante e era considerada por muitos uma verdadeira amiga. Se alguém conseguisse chegar ao fundo da questão, seria Lady Gwendolyn. E muita gente lhe devia favores.

À parte isso, ela e a tia eram muito parecidas e invulgarmente próximas.

A tia-avó Gwendolyn estava disposta a ouvi-la a qualquer momento, a dar-lhe bons conselhos e a sua experiente opinião. Diedre desejava fazer-lhe confidências. Seria um grande alívio confiar em alguém.



# UMA ARISTOCRACIA EM QUEDA E UMA CASA ANCESTRAL EM RISCO DE PERDER TUDO



Há mais de 170 anos que Cavendon Hall é o lar de duas famílias: os aristocratas Inghams e os leais Swanns, a família que lhes prestou um juramento de sangue.


Mas o verão de 1926 vai trazer grandes mudanças para a nobre família e para os seus confidentes. Charles, Conde de Mowbray, decide planear um fim de semana de festa na mansão, como não acontecia desde a devastação da Primeira Guerra. Os convidados estão intrigados e a fervilhar de curiosidade sobre a razão que o levou a organizar o evento.

Na festa é feita uma revelação que mudará a história de Cavendon Hall, e os segredos e problemas que têm inquietado as famílias que a habitam assomam à superfície. É então que velhos inimigos voltam a aparecer, e a lealdade dos Swanns aos Inghams é posta à prova de forma imprevista. Cabe às mulheres de Cavendon unirem-se e impulsionarem a família para uma nova era e um novo estilo de vida.



**Um romance que irá prender os leitores  
e que os fará viajar no tempo, sob a luz reluzente  
dos salões de baile da alta nobreza.**



<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-27-0  9 789898 917270 Romance Histórico
--	---